



É muito raro que pessoas comuns como o John e eu consigam assegurar casas ancestrais para o verão.

Uma mansão colonial, uma propriedade de família, eu diria uma casa assombrada, e atinjo o auge da felicidade romântica — isso seria pedir demasiado ao destino!

Mesmo assim, é com orgulho que declaro que há algo estranho aqui.



Senão, porque seria a renda tão barata? E porque terá estado desocupada tanto tempo?

O John ri-se de mim, claro, mas isso é esperado num casamento.

Ele é extraordinariamente prático. Não tem paciência para os temas da fé, tem um horror intenso à superstição e goza abertamente com tudo o que não possa ser sentido, visto ou traduzido em números.

O John é médico, e *talvez* — (eu não o diria a absolutamente ninguém, claro, isto não sairá deste papel, o que é um grande alívio para o meu espírito) — *talvez* seja essa uma razão para que eu não melhore mais depressa.

Ele não acredita que eu esteja doente, entendem?

E o que se pode fazer?

Se um médico com uma reputação elevada, ademais marido de alguém, assegura a amigos e familiares que nada se passa connosco a não ser uma depressão nervosa temporária — uma ligeira tendência histérica — o que pode alguém fazer?

O meu irmão também é médico, igualmente de grande reputação, e diz a mesma coisa.

Portanto, tomo fosfatos ou fosfitos — o que for —, e tónicos, viajo, apanho ar, faço exercício, e estou terminantemente proibida de «trabalhar» até me sentir bem de novo.



No que me toca, discordo das ideias deles.

No que me toca, acredito que um trabalho adequado, com entusiasmo e mudança, me faria bem.

Mas o que se pode fazer?

Apesar das opiniões deles, escrevi durante uns tempos; mas, *de facto*, cansa-me um bocado — ter de ser tão ardilosa acerca disso, ou encarar uma oposição cerrada.

Às vezes penso que, na minha condição, se tivesse menos oposição e mais vida social e estímulo... — mas o John diz



que a pior coisa que posso fazer é pensar acerca da minha condição, e confesso que isso me faz sempre sentir mal.

Portanto, não me vou pronunciar mais sobre o assunto e vou antes falar da casa.

Que sítio bonito! É bastante remota, afastada da estrada, quase a seis quilómetros da aldeia. Lembra-me aquelas casas inglesas sobre os quais lemos, já que tem cercas e paredes e portões que se trancam, e muitas casinhas separadas para os jardineiros e empregados.

Há um jardim *delicioso*! Nunca vi um jardim assim — largo e com sombras, cheio de caminhos arranjados, alinhados com caramanchões amplos e cobertos de uvas, com assentos por baixo.

Havia estufas, também, mas agora estão estragadas.

Houve alguns problemas legais, acredito, algo relacionado com herdeiros ou co-herdeiros; de qualquer das formas, o sítio tem estado vazio há anos.

Receio que isso estrague a minha fantasmagoria, mas não me importo — há algo de estranho nesta casa. Consigo senti-lo.

Até o disse ao John numa noite de luar, mas ele disse que o que eu sentia era uma corrente de ar, e fechou a janela.

Fico irracionalmente zangada com o John, às vezes. Tenho a certeza de que não costumava ser tão sensível. Acho que é por causa desta condição nervosa.

Mas o John diz que, se me sinto assim, é porque negligencio o autocontrolo adequado; por isso, tomo comprimidos para me controlar — à frente dele, pelo menos, e isso deixa-me muito cansada.

Não gosto nada do nosso quarto. Queria um no andar de baixo, que se abrisse para a praça e tivesse rosas à volta da janela, e lindas cortinas de chita, daquelas à moda antiga! O John, porém, não quis nada disso.